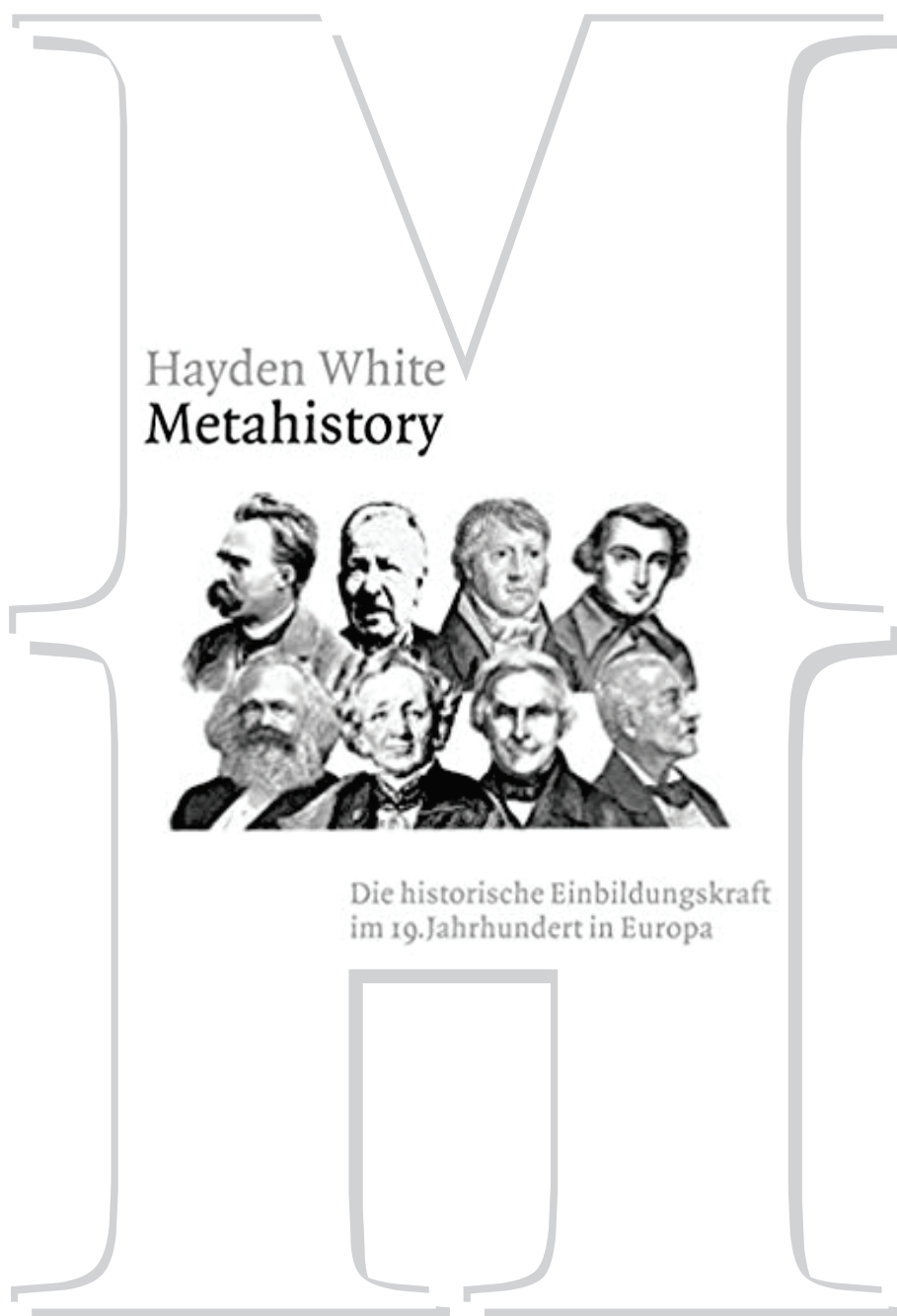


Hayden White nas páginas de *History and Theory*. Dois momentos: 1980 e 1998



Capa do livro *Metahistory: die historische Einbildungskraft im 19. Jahrhundert in Europa*, de Hayden White. 2008, fotografia (detalhe).

Alexandre de Sá Avelar

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Instituto de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisador do CNPq. Co-organizador, entre outros livros, de *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. alexandre.avelar@uol.com.br

Hayden White nas páginas de *History and Theory*. Dois momentos: 1980 e 1998*

Hayden White in *History and Theory*. Two moments: 1980 and 1998

Alexandre de Sá Avelar

RESUMO

Ao longo das últimas cinco décadas, o nome de Hayden White sempre esteve associado a importantes debates e disputas historiográficas. A inegável relevância e extensão do seu legado suscitou reações ambíguas, controvérsias variadas e deu origem a uma vasta produção bibliográfica conduzida por seus comentadores e analistas. O objetivo deste artigo é analisar dois momentos (1980 e 1998) da recepção do livro *Metahistory* (1973), obra magna de Hayden White, nas páginas da prestigiosa *History and Theory*. Esta revista, referência incontornável para o campo da teoria e filosofia da história, teve papel decisivo na estruturação de um conjunto de reflexões e análises sobre a relevância dos pressupostos teóricos contidos no livro seminal de White.

PALAVRAS-CHAVE: Hayden White; *Metahistory*; *History and Theory*.

ABSTRACT

Over the last five decades, Hayden White has always been associated with important historiographical debates and disputes. The undeniable relevance and extent of his legacy elicited ambiguous reactions and controversies and gave rise to a vast literature produced by his commentators and analysts. This article aims to analyze two moments (1980 and 1998) of the reception of the book *Metahistory* (1973), Hayden White's main work, in the pages of the prestigious *History and Theory*. This journal, an inescapable reference in the field of theory and philosophy of history, played a decisive role in structuring a set of reflections and analyzes on the relevance of the theoretical assumptions in White's seminal book.

KEYWORDS: Hayden White; *Metahistory*; *History and Theory*.



A recepção crítica de Hayden White, ao longo das últimas décadas, registrou um sem número de polêmicas e embates no interior da comunidade de historiadores. Não raro, as posições em disputa foram marcadas por leituras apressadas e declarações categóricas contra e a favor do legado do historiador norte-americano. Talvez um dos únicos pontos de consenso seja o reconhecimento do impacto produzido por *Metahistory*, publicado em 1973.¹ Não há dúvida de que estamos diante de uma das obras mais polêmicas e controversas da historiografia ocidental do pós-guerra, um daqueles livros que definimos como fomentadores de uma virada historiográfica. Para Gabrielle Spiegel, é difícil imaginar um trabalho sobre teoria e filosofia da história que tenha obtido tamanho impacto na nossa compreensão da historiografia ao longo das últimas quatro décadas.² Em um ensaio publicado pouco após o surgimento do livro, Louis Mink não receou escrever que, em torno do livro de White, todos os historiadores foram obrigados

* Este artigo é uma versão modificada de um *paper* apresentado em uma mesa-redonda durante o 40th Anniversary *Metahistory*, realizado em 2013 na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Deixo registrados meus agradecimentos a Julio Bentivoglio, pelo convite para participar desse evento em homenagem aos 40 anos da obra magna de Hayden White, e a Arthur Lima de Ávila, para integrar este minidossiê.

¹ Ver WHITE, Hayden. *Metahistory: the historical imagination in nineteenth-century Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.

² Cf. SPIEGEL, Gabrielle. M. Above, about e beyond the writing of history: a retrospective view of Hayden White's *Metahistory* on the 40th anniversary of its publication. *Rethinking History*, v.17, n. 4, 2013, p. 2

a reorganizar seus pensamentos sobre a história.³ La Capra, por sua vez, destacou que nenhum escritor contribuiu mais do que Hayden White para despertar os historiadores de seu sono dogmático.⁴ Frank Ankersmit sublinhou que a obra de White não teve paralelo no campo da filosofia da história.⁵ Algumas das interpretações mais recentes de *Metahistory* produziram novas chaves de leitura da obra magna de White. Os trabalhos de Herman Paul, por exemplo, reivindicam uma abordagem que enfatiza a dimensão ética na escolha dos tropos literários que prefiguram o discurso do historiador. No centro da análise de Hayden White, residiria, desse modo, uma vigorosa crítica antirrealista da historiografia profissional do século XIX, que, por sua vez, havia recusado qualquer abertura utópica ao futuro em favor de uma conservadora valorização do passado, codificado nas reivindicações de verdade e objetividade.⁶ Um substrato dessa interpretação de Paul inscreve-se na recuperação do existencialismo de White, marca indelével do seu “The burden of history”⁷ e que se encontra, como já salientado por Hans Kellner, no centro das preocupações de White em *Metahistory*. As escolhas historiográficas, mediadas pelos tropos literários, são basicamente escolhas morais oriundas de uma longa tradição do humanismo que enfatiza a dimensão ética da retórica.⁸

Não foram poucos aqueles que se posicionaram incisivamente contra as formulações de White, preocupados com o que entendiam ser uma séria ameaça à prática historiadora cotidiana. Assim, para Eric H. Monkkonen, apenas uns poucos historiadores poderiam estar de acordo com as abordagens tropológicas e narrativistas do teórico estadunidense.⁹ De forma ainda mais incisiva, Phyllis Grosskurth, em uma resenha de *Metahistory*, escrita em 1976, qualificou o livro como “pretensioso e irritante”.¹⁰ Não sem uma forte dose de ironia, o próprio White lembrara da crítica de Geoffrey Elton, para quem *Metahistory* era o “mais nocivo empreendimento realizado por um historiador no exercício de sua profissão”.¹¹

Tais variedades de recepção da obra de White não devem, certamente, causar grandes surpresas. A diversidade de seus trabalhos e a presença quase sempre incômoda de suas teses não deixaram imunes aqueles interessados nos rumos da reflexão teórica no campo da história.¹² Em um dos seus textos derradeiros, White afirmou que, há algum tempo, havia desistido de exercer algum controle sobre o destino de *Metahistory*, conformando-se em presenciar, ano após ano, as novas interpretações e abordagens do seu livro consagrador.¹³ Spiegel percebe as tendências divergentes da fortuna crítica de White como resultantes das ambiguidades de sua própria obra, especialmente em suas hipóteses sobre os tropos literários e o papel da retórica no discurso historiográfico.¹⁴ Além disso, White apresentou suas ideias em diferentes contextos – que implicavam diferentes leitores –, nos quais evitou se repetir, com a consequência de que várias formulações do seu pensamento foram elaboradas nem sempre de forma articulada. Não foram poucas as circunstâncias em que White declinou de explicar o que determinada passagem de sua obra queria dizer ou não respondeu às críticas.¹⁵ Assim, a pergunta “Qual White?” se impõe a qualquer analista que tente traçar algum quadro – destinado, desde o início, à precariedade – de sua recepção. Este artigo pretende contribuir modestamente para o incremento das análises sobre os debates suscitados com o aparecimento de *Meta-história*. Nossa escolha recaiu sobre alguns textos publicados nas páginas da prestigiosa *History and Theory*, uma referência incontornável no campo da teoria e da filosofia da história. Trata-se também da publicação

³ Cf. MINK, Louis O. *Historical understanding*. Ithaca: Cornell, 1987, p. 22.

⁴ Cf. LACAPRA, Dominick. A poetics of historiography. Hayden White’s Tropics of discourse. In: *Rethinking intellectual history*. Ithaca: Cornell University Press, 1983, p. 72

⁵ Cf. ANKERSMIT, Frank. R. White’s appeal to historians. *History and Theory*, v. 37, n. 2, 1998.

⁶ Cf. PAUL, Herman. *Hayden White: the historical imagination*. London: Polity Press, 2011, p. 11.

⁷ Ver WHITE, Hayden. The burden of history. *History and Theory*, v. 5, n. 2, 1966.

⁸ Cf. KELLNER, Hans. A bedrock of order. Hayden White’s linguistic humanism. *History and Theory*, v. 19, n. 4, 1980, p. 28.

⁹ Cf. MONKKONEN, Eric H. The challenge of quantitative history. *Historical Methods*, v. 17, n. 1, 1984, p. 89.

¹⁰ GROSSKURTH, Phyllis. Review of *Metahistory*. *Canadian Historical Review*, n. 56, v. 1, 1976, p. 193.

¹¹ WHITE, Hayden. Como eu não escrevi *Meta-História*. In: BENTIVOGLIO, Julio e TOZZI, Veronica. (orgs.). *Do passado histórico ao passado prático: 40 anos de Meta-História*. Serra: Milfontes, 2017, p.11.

¹² O legado de *Metahistory* e da obra de Hayden White, de uma forma geral, continuou sendo o tema de diversas coletâneas mais recentes, entre as quais merecem destaque: ANKERSMIT, Frank, DOMANSKA, Ewa e KELLNER, Hans (edit.). *Refiguring Hayden White*. Stanford: Stanford University Press, 2009; BENTIVOGLIO, Julio e TOZZI, Veronica (orgs.), *op.cit.*; DORAN, Robert (edit.). *Philosophy of History after Hayden White*. New York: Bloomsbury, 2013; TOZZI, Veronica e LAVAGNINO, Nicolás (orgs.). *Hayden White, la escritura del pasado y el futuro de la historiografía*. Sáenz Peña: Eduntref, 2012.

¹³ Cf. WHITE, Hayden. Como eu não escrevi *Meta-história*, *op. cit.*, p. 12.

¹⁴ Cf. SPIEGEL, Gabrielle, *op. cit.*, p. 4.

¹⁵ Cf. VANN, Richard T. The reception of Hayden White. *History and Theory*, v. 37, n. 2, 1998, p. 145.

¹⁶ Convém mencionar que, entre 1973 e 1993, a revista publicou 14 artigos sobre Hayden White. Portanto, mesmo antes do dossiê de 1998, já havia uma produção consistente sobre o autor de *Metahistory* nas páginas de *History and Theory*. Os textos que faziam parte do dossiê de 1980 eram os seguintes: KELLNER, Hans, *op. cit.*; POMPER, Philip. Typologies and cycles in intellectual history. *History and Theory*, v. 19, n. 4, 1980; MANDELBAUM, Maurice. The presuppositions of *Metahistory*. *History and Theory*, v. 19, n. 4, 1980; GOLOB, Eugene O. The irony of nihilism. *History and Theory*, v. 19, n. 4, 1980; STRUEVER, Nancy. Topics in history. *History and Theory*, v. 19, n. 4, 1980; NELSON, John S. Tropical history and the social sciences. Reflections on Struever's remarks. *History and Theory*, v. 19, n. 4, 1980. O dossiê de 1998 era integrado pelos seguintes artigos: VANN, Richard T., *op. cit.*; PARTNER, Nancy. Hayden White: the form of content. *History and Theory*, v. 37, n. 2, 1998; DOMANSKA, Ewa. Hayden White: beyond irony. *History and Theory*, v. 37, n. 2, 1998; ANKERSMIT, Frank R., *op. cit.*; MOSES, A.D. Structure and agency. The case of Daniel Jonah Goldhagen. *History and Theory*, v. 37, n. 2, 1998, e CROWELL, Steven. Mixed messages: the heterogeneity of historical discourse. *History and Theory*, v. 37, n. 2, 1998.

¹⁷ Além da já mencionada resenha de Phyllis Grooskurth, outras que podem ser consideradas como recepções pioneiras de White são: LEFF, Gordon. Review of *Metahistory*. *Pacific Historical Review*, v. 43, n. 1, 1974; BURKE, Peter. Review of *Metahistory*. *History*, v. 60, n. 198, 1975, e CLIVE, John. Review of *Metahistory*. *Journal of Modern History*, v. 47, n. 4, 1975; NELSON, John T. Review of *Metahistory*. *History and Theory*, v. 14, n. 1, 1975.

¹⁸ Cf. NELSON, John T, *op. cit.*, p. 76.

¹⁹ Cf. GOLOB, Eugene, *op. cit.*, p. 56.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 57.

que mais recebeu e publicou artigos sobre a obra de Hayden White. Assim, a opção aqui é assumidamente pela recepção de Hayden White entre os historiadores.

Dois momentos foram particularmente tomados com especial atenção. Um dossiê, publicado em 1980, intitulado “Metahistory: six critiques”, composto por seis artigos com declaradas intenções críticas; e um outro, denominado “Hayden White: twenty-five years on”, lançado em 1998 por ocasião dos 25 anos de *Metahistory*, no qual a obra de White foi revista de modo bem mais generoso, também em seis textos.¹⁶ Nos estreitos limites deste artigo, apresentarei dois textos do primeiro dossiê e um do segundo, os quais, mesmo correndo o risco de uma apressada conclusão, acredito, sintetizaram a gama de questões e problemas envolvidos nesses dois momentos de recepção da obra de White. A exposição foi organizada, de forma prioritária, para trazer ao público brasileiro alguns aspectos da recepção de White nas páginas de *History and Theory* quase inteiramente desconhecidos entre nós. Ao leitor, nunca é demais a advertência de que as escolhas pelos textos aqui realizadas são de minha inteira responsabilidade e carregam a óbvia marca da limitação e da incompletude. Qualquer avaliação crítica supõe uma infinidade de recortes possíveis e de parâmetros analíticos que podem ser mobilizados ao gosto do autor. Em meio aos esforços de sistematização das ideias presentes nos textos selecionados, o leitor também perceberá algumas formulações e hipóteses estritamente pessoais acerca da obra e do legado de Hayden White.

1980: Hayden White on trial?

O dossiê de 1980 constituiu, na verdade, o primeiro empreendimento coletivo de análise de *Meta-história* – resenhas isoladas já haviam sido publicadas anteriormente.¹⁷ O registro, como já assinalado, teve como objetivo pontuar criticamente, sem desmerecer a força dos argumentos de White, alguns aspectos do livro. A crítica central, como não seria difícil supor, destinava-se à teoria dos tropos literários, vista, em geral, pelos autores desse dossiê como portadora de uma compreensão linguística da experiência histórica radicalmente contrária aos protocolos teóricos e metodológicos que proporcionaram aos historiadores uma base confiável de inquirição do passado. Os primeiros momentos dessa recepção de White foram marcados pela ênfase nos aspectos formalistas e narrativistas de *Metahistory*, e a própria forma pela qual White se assumia formalista contribuiu para essa avaliação. Os seis artigos de algum modo convergiam com a resenha publicada em 1975 por John T. Nelson, na qual o autor questionava, entre outros aspectos, a frágil adequação das considerações de White sobre os tropos literários aos desenvolvimentos mais promissores no campo da teoria literária.¹⁸

O primeiro texto aqui selecionado é intitulado “The irony of nihilism”, e seu autor, Eugene Golob, era, à época, professor de filosofia da Wesleyan University. Seu propósito é demonstrar que as inconsistências de *Meta-história* e a larga ambição de suas propostas conduziram White a um desolador niilismo.¹⁹ Ao rejeitar as pretensões tanto de uma história entendida como ciência quanto de uma história que se advogava obra de arte, White não conseguira deixar de se aproximar de algumas das aporias mais rudimentares do positivismo.²⁰ Tentemos acompanhar mais de perto a argumentação de Golob.

O autor percebe o projeto intelectual de White como inteiramente imerso nos debates que ocuparam a atenção de um bom número de pensadores no pós-guerra e que se situavam, grosso modo, entre positivistas, como Hempel, e idealistas, como Collingwood. *Metahistory* foi um grande esforço para afirmar a primazia do pensamento retórico e formalista sobre a perspectiva analítica e outras modalidades empíricas de pensamento. Sua força maior está no fato de ter situado o campo da história nesse movimento retórico e formalista mais amplo, ainda que isso significasse, como destaca Golob, uma nova forma de captura e, portanto, o fim da autonomia dos estudos históricos.²¹

Ele observa que uma das afirmações mais contundentes de White, a de que diferentes historiadores podem enfatizar diferentes aspectos do mesmo campo histórico, supõe uma quase positivista visão dos eventos como algo “lá fora”, como se os fenômenos estivessem à espera da observação do historiador. E este, a partir de então, volta-se para construir um modelo verbal do processo histórico, o qual, pela virtude do seu status linguístico, pode ser analisado no âmbito do léxico, da gramática, da sintaxe e da semântica. É essa construção que permite a White afirmar que os historiadores enfatizam distintos aspectos tropológicos do mesmo conjunto de eventos.

Uma avaliação dos argumentos de *Metahistory*, especialmente a afirmação de que não há critérios objetivos que permitam distinguir as interpretações narrativas do passado, poderia nos levar a concluir, segundo Golob, que o projeto intelectual de White se transmutaria num inconsciente niilismo. O crítico admite o papel da imaginação na constituição da narrativa e as aproximações entre discurso histórico e ficcional como problemas relevantes de análise. Porém, desloca seu foco para Collingwood, que também enfrentou as mesmas questões que preocupavam White e demonstrou, através de outras respostas, como a evidência limitou a formação da narrativa histórica e disciplinou a imaginação.²² Dessa forma, o historiador só pode afirmar aquilo que é permitido pelas evidências. O tema da verdade é o eixo central de toda a história, ainda que os mecanismos de conexão entre a imaginação e as evidências dependam da mente do historiador. Lamentavelmente, segundo Golob, ele se encontra ausente de *Metahistory*.²³

O que parece estar em jogo, fundamentalmente, é o lugar da narrativa na investigação histórica. Se considerarmos, como Golob faz, que os acontecimentos históricos, tomados como ações humanas, apresentam dimensões internas e externas, a inquirição do vivido só pode se dar mediante questões colocadas pelo historiador à complexidade da vida humana. A narrativa constitui, precisamente, o conjunto dessas respostas e depende, portanto, das perguntas que foram feitas tanto quanto do prévio equipamento intelectual do historiador. É exatamente por isso, ao contrário do que afirma White, que os historiadores escrevem diferentes histórias. White errou ao presumir pressupostos positivistas no trabalho do historiador, pois, ao menos que houvesse significantes leis da história, não poderia haver presunção de desacordo. A similaridade entre história e ficção não aponta para um tropo, mas, paradoxalmente, para o que os diferencia. O fato de não estarmos de acordo sobre as narrativas do passado, portanto, deriva da natureza do pensamento histórico em seus aspectos de questões e respostas e de uma imaginação prévia.²⁴

O segundo texto que escolhi como sintetizador das críticas contidas

²¹ *Idem*.

²² *Idem, ibidem*, p. 58.

²³ *Idem, ibidem*, p. 59.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 63 e 64.

²⁵ WHITE, Hayden. Interview. In: DOMANSKA, Ewa (ed.). *Encounters: philosophy of history after postmodernism*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1998, p.18.

²⁶ Cf. MANDELBAUM, Maurice, *op. cit.*, p. 39.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 41.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 42.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 43.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 44.

no dossiê de 1980, “The presuppositions of Metahistory”, é de autoria de um ex-professor de Hayden White, Maurice Mandelbaum, que, durante a década de cinquenta, era, para White, a “única pessoa nos Estados Unidos que se ocupava da filosofia da história”.²⁵ Mandelbaum aponta três pressupostos centrais de *Meta-história* que, não obstante sua importância e influência sobre o campo dos estudos históricos, não podem ser sustentados.²⁶

O primeiro pressuposto a ser questionado está inserido no agrupamento que White faz dos autores do século XIX que analisa. Ao colocar historiadores e filósofos da história lado a lado, White rejeita um dos aspectos centrais do processo de disciplinarização da história ao longo daquele século, a saber, o de que esses dois campos devem se constituir em espaços nitidamente distintos, com suas próprias regras, métodos e objetos.²⁷ Segundo Mandelbaum, para White, a indistinção entre as duas especialidades se explica por aquilo que é determinante em toda inquirição histórica, ou seja, o fato de que o historiador arranja os seus dados e as formas de sua representação por meio da escolha de determinadas estruturas verbais. Essa escolha não deriva da natureza dos dados recolhidos, mas de estratégias interpretativas que determinam quais materiais o historiador irá manejar. Esse princípio, ao ser encontrado tanto nos trabalhos de historiadores quanto no dos filósofos da história, permite que White desfaça as possíveis diferenças entre os dois gêneros.

Mas tais diferenças, para Mandelbaum, são claras e se impõem aos dois campos. Os filósofos da história dedicaram-se à complexa tarefa de estabelecer alguns princípios básicos de explicação que oferecessem inteligibilidade ao que aconteceu no passado, o que não pode ser dissociado, ainda, da tentativa de defender e justificar posições pessoais em relação a determinados valores morais ou políticos. Tal pretensão não pode ser encontrada nem no mais filosófico dos historiadores, mesmo que eles não estejam imunes, por certo, a certas atitudes que denotam a presença de valores. Seus trabalhos não podem ser concebidos como tentativas de estabelecer a verdade de uma determinada interpretação do processo histórico, mas como esforços para compreender e descrever o que aconteceu em determinados tempos e lugares.²⁸ Além disso, enquanto os filósofos da história buscam um princípio organizador ou explicativo que ilumine cada aspecto significativo do processo histórico, os historiadores se comportam de modo mais cauteloso, adotando uma maior flexibilidade em relação a outros povos e tempos em vez de esperar destes os elementos confirmadores de uma teoria geral. Além disso, estão mais inclinados a usar variados modos de explanação do que a empregar um único conjunto de categorias para apreender a vida social em seus distintos aspectos.²⁹

Tendo apresentado as razões pelas quais crê que filósofos da história e historiadores diferem epistemologicamente de modo profundo, Mandelbaum passa a examinar o argumento pelo qual White postula a semelhança entre ambos, ou seja, a aceitação comum do paradigma meta-histórico que organiza os dados do passado.

Para White, a adoção de uma determinada estrutura verbal que prefigura o campo histórico supõe a existência de um conjunto de dados não processados, desprovidos de toda ordem. Esse ponto de partida é frontalmente rejeitado por Mandelbaum.³⁰ Não há algo como um processo inteiramente destituído de algum tipo de ordenamento prévio que irá confrontar o historiador. O que se imporá a este, por outro lado, são relatos elaborados sobre o passado. Sobre esses relatos estão encaixados

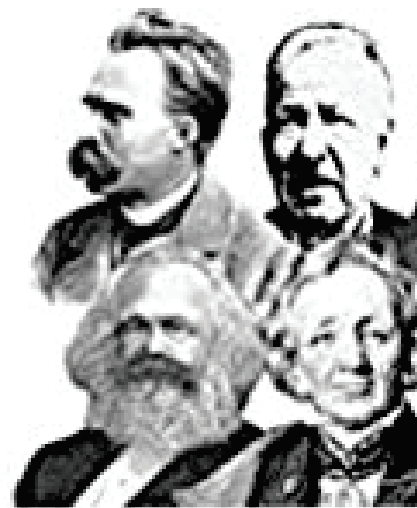
quase todos os dados com os quais o historiador fará o seu trabalho. Dados podem não estar incluídos em um relato, mas em outro, o que levará o historiador a alterar um ou outro deles. As falhas devem ser preenchidas pela busca por novos dados.³¹

A análise feita por White a respeito dos níveis de conceitualização presentes numa narrativa histórica certamente não possui o propósito de fornecer um conjunto de passos que, em conjunto, dariam sentido ao trabalho histórico. Entretanto, para Mandelbaum, não há como descurar do impacto de suas afirmações, bem como de seus limites e falhas. Os dados do passado não são uma massa inerte à espera das mãos do historiador. Quando este investiga os processos históricos, passa a tomar contato com outras narrativas que denotam experiências que lhe são familiares e cujo conhecimento é reforçado pelo que tem sido dito por outros historiadores. O que parece estar dado possui conexões internas *a priori* independentes dos caminhos pelos quais será ordenado posteriormente.³²

O segundo pressuposto examinado é o de que a ordem linguística com a qual os historiadores prefiguram o campo é um ato poético, uma vez que qualquer trabalho histórico é uma estrutura verbal na forma de um discurso em prosa. Em White, esse ato poético não apenas prefigura a forma geral da obra de história, como determina quais tipos de relações o historiador tomará em conta ao analisar os eventos com os quais lida. Ainda que não rejeite por inteiro essa noção, Mandelbaum não a considera como o modo prioritário de se tomar em conta o labor do historiador, que segue tendo como objetivos descobrir, descrever e explicar o que aconteceu no passado. Ela tampouco ajuda a iluminar o papel desempenhado pelos fatores ideológicos. Os eventos apresentam uma existência prévia à narração e serão independentes dela. White chega mesmo a admitir que o trabalho de história postula ser um modelo ou ícone de estruturas passadas para explicar, através de sua representação, o que tais eventos foram.³³

De acordo com Mandelbaum, White falha ao postular que a escolha de algum tipo de argumento explanatório depende do modo pelo qual as formas linguísticas fornecem a estrutura ao pensamento dos autores. Examinada à luz da história das ideias, tal argumento não se sustenta. Se uma forma foi mais dominante do que outra em um dado período, isso não ocorreu de modo inteiramente autônomo. Se, por exemplo, o mecanicismo foi modelo predominante de argumentação durante o século XVII, isso deve ser explicado em função do notável desenvolvimento das ciências mecânicas ao longo dessa época, além de outros fatores. Do mesmo modo, a força epistemológica das teorias antinewtonianas em diversos domínios, ao longo do século XIX, demarcou um elemento decisivo na consolidação dos modelos organicistas de argumentação explanatória.³⁴

Em *Metahistory*, não há clareza em como a adoção de uma ou outra posição ideológica pode ser posta em relação com um dos quatro tropos definidos na abordagem tropológica de White. Penetrar nos aspectos constituintes de uma atitude anárquica, radical, conservadora ou liberal exigiria, para Mandelbaum, uma aproximação distinta daquela oferecida pela perspectiva linguística. É duvidosa a possibilidade de encontrarmos algum conjunto de propriedades comuns em termos de um modelo linguístico que tivesse alguma correspondência com uma ou outra postura ideológica. Cito Mandelbaum. “É certamente rebuscado interpretar sua visão [de White] dos conflitos inerentes ao seu próprio tempo, ou sua po-



³¹ *Idem.*

³² *Idem.*

³³ *Idem, ibidem*, p. 45.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 47.

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 48.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 49.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 50.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 51.

³⁹ Ver FRIEDLANDER, Saul (org.). *Probing the limits of representation: nazism and the "final solution"*. Cambridge: Harvard Press University, 1992.

sição sobre o passado e o futuro ou sua posição a respeito da possibilidade da criação de uma ciência da sociedade como se cada um destes aspectos fosse seguir alguma predisposição linguística de sua parte".³⁵

White pouco consegue fazer para escapar das armadilhas do determinismo linguístico porque sua abordagem é profundamente a-histórica: a possibilidade de organizar um relato histórico nos termos de um ou outro tropos não é restrita a algum tempo ou lugar, mas está sempre presente. Em sua análise sobre a historiografia do século XIX, White não toma em devida conta o papel, por exemplo, do nacionalismo sobre a escrita da história, ou dos desenvolvimentos no campo das ciências naturais ou mesmo da sociologia, que exerceram marcada influência sobre os historiadores. A redução da investigação a quatro historiadores e quatro filósofos tornou facilitada a tarefa de estabelecer os contrastes entre eles, e, conseqüentemente, de definir uma clara linha de desenvolvimento no período estudado. Não é evidente, contudo, que essa linha pudesse ser traçada com tanta nitidez se fossem incluídos outros tantos historiadores e filósofos.³⁶

A terceira e última pressuposição desafiada: a aceitação de White do relativismo como desdobramento do problema da interpretação do trabalho histórico como uma estrutura linguística. Uma primeira observação deve lembrar que os historiadores selecionados por White estão engajados em empreendimentos intelectuais muito distintos e que há pouca sobreposição entre eles. Logo o problema de um relato ser mais verdadeiro ou confiável do que outro não poderia ser colocado. Isso permitiu a White evitar o exame do principal aspecto concernente ao debate sobre o relativismo: o de saber se algum relato é, em princípio, preferível a outro, ou seja, se é mais verdadeiro, correto ou adequado do que outro. Uma vez que o modo original pelo qual um historiador trata de algum processo histórico é fundamentalmente distinto do modo como outro historiador trabalha, o relativismo não surge como uma questão imediata.³⁷

Essa alegação é, todavia, para Mandelbaum, falha. White toma os tropos linguísticos como categorias recorrentes de organização do material, ainda que as combinações possíveis entre modos de tramar o passado, a argumentação explanadora e a posição ideológica sejam conhecidamente limitadas. Tal limitação de variações estilísticas torna, assim, possível a comparação entre os historiadores em função de seu estilo. Portanto, se cada estilo serve para explicar e representar o passado, a interrogação a respeito da superioridade de um ou de outro trabalho capaz de se tornar um ícone ou modelo do que é representado é plenamente legítima. Obviamente White não realiza tais comparações. A justificativa para o seu desvio involuntário em direção ao relativismo está em sua insistência em tratar o trabalho do historiador de um modo estritamente linguístico e, uma vez que essa forma de tratamento se mantenha, nada impede que os modelos sejam comparados em função de sua mais ou menos adequada representação.

Na medida em que os historiadores lidam com pontos de vista construídos por seus antecessores, as reconstruções interpretativas e a promoção de novos modelos são frequentes e fizeram avançar o conhecimento sobre temas como as relações entre a escravidão e a guerra civil norte-americana, para usarmos um exemplo de Mandelbaum. Tomando em conta que os historiadores frequentemente se engajam em controvérsias dessa natureza e o fato de que, em alguns casos, um consenso se desenvolve, a aceitação do relativismo por White é certamente inadequada como caracterização

dos modos nos quais historiadores frequentemente veem o trabalho no qual estão envolvidos.³⁸

1998: *White acquitted?*

O dossiê de 1998, não obstante fazer referência aos 25 anos de *Metahistory*, apresentava-se como uma avaliação mais extensa da obra de White. Certamente isso se devia ao surgimento, durante o período situado entre os dois dossiês, de mais uma importante coletânea de ensaios do autor, *The content of the form* (1987), além de inúmeros artigos publicados em periódicos de diversos países e da conhecida polêmica sobre os limites da representação do Holocausto.³⁹ O espectro geral, como já apontado, é claramente favorável ao trabalho de White, e os textos procuraram dialogar com as diversas críticas surgidas desde a publicação de *Metahistory*. Ainda que, conforme aponta Richard Vann, em texto desse dossiê, as citações de Hayden White entre os historiadores tivessem se elevado de forma substancial, a comunidade historiadora ainda mantinha, de um modo geral, resistências mais ou menos explícitas aos seus postulados fundamentais.⁴⁰

A força e a contundência das hipóteses de White representaram para os historiadores uma necessária tomada de consciência acerca dos limites da representação do passado e das formas linguísticas que estruturam o texto histórico. O texto de Ankersmit⁴¹, o último apresentado neste dossiê, fala do apelo de White aos historiadores. Mas do que efetivamente se trata?

Ankersmit enxerga no desprezo nutrido por muitos em relação ao trabalho de White a velha desconfiança dos historiadores em relação aos filósofos da história, radicada desde o auge do historicismo, no século XIX, e que poderia ser explicada pelo fato de que a insegurança epistemológica que sempre caracterizou os primeiros era confrontada pelas pouco responsáveis – no sentido do estabelecimento de compromissos ontológicos com os fatos – reflexões dos segundos, mais interessados em retirar da pesquisa histórica os dados para a construção dos seus empolgantes panoramas teóricos.⁴²

Os encontros entre historiadores e filósofos da história, que nunca foram propriamente amistosos, se tensionaram ainda mais com o surgimento do giro linguístico, e Hayden White tornou-se a personificação de tudo aquilo que a boa pesquisa histórica deveria rejeitar. Sua teoria tropológica e a ênfase nos aspectos figurativos do discurso historiográfico provocaram ácidas reações entre os historiadores, preocupados com o que acreditavam ser uma sistemática deslegitimação dos seus seculares esforços para tornar o passado inteligível por meio de um conjunto definido de operações metodologicamente controláveis e que, portanto, poderiam nos conduzir à verdade histórica. Ankersmit fornece aqui um exemplo do que caracterizaria o conjunto destas raivosas reações contra White: um artigo de Arthur Marwick, publicado em 1995, intitulado “Two approaches to historical study: the metaphysical (including ‘postmodernism’) and the historical”, no qual o teórico norte-americano é acusado de representar o que há de pior atualmente na filosofia especulativa da história, com sua insistência em descobrir uma essência metafísica do passado.⁴³ A crítica de Marwick é curiosa pelo fato de que a maior parte das objeções feitas a White pelos historiadores reside exatamente no polo oposto: White é acusado, em função de sua teoria dos tropos literários, de abraçar um perigoso relativismo e de rejeitar de modo pouco responsável a noção de

⁴⁰ O texto de Richard Vann, contido no dossiê de 1998, explora algumas das leituras mais difundidas da obra de White no mundo anglo-saxão. O caminho adotado foi o de sistematizar as citações tendo por base os dados contidos em dois grandes indexadores, o *Social Science Citation Index* e *The Arts and Humanities Citation Index*, no período compreendido entre 1973 e 1993. Assim, de acordo com Vann, as citações sugerem o que foi escrito sobre o trabalho de Hayden White, bem como perscrutam algumas das questões importantes não resolvidas pelo historiador norte-americano. Ao longo do período escolhido, White foi citado mais de mil vezes, ainda que em um ritmo bastante desigual (até 1978, por exemplo, houve apenas 18 menções). Ao final dos anos 80, a média se aproxima das cem citações anuais, o que parece ter relação direta com a importância do dossiê publicado em 1980 pela *History and Theory*. Ao todo, 22 periódicos publicaram textos contendo citações à obra de White. Quando se trata de resenhas de livros específicos, *Metahistory* ocupa posição central, com 17 publicações. Os historiadores foram importantes na recepção inicial de *Metahistory* ao produzirem os primeiros artigos com comentários sobre a obra. Por outro lado, essa participação foi declinando sensivelmente à medida que White foi despertando interesse entre outros especialistas, notadamente os críticos literários. No cômputo total, apenas 15% das citações, no levantamento produzido por Vann, pertencem aos historiadores. Esse movimento, como se sabe, foi acompanhado pelo próprio White, que passou a se interessar cada vez menos pelas reuniões profissionais das comunidades dos historiadores, preferindo se refugiar naquelas realizadas pelos estudiosos da literatura e da linguagem.

⁴¹ ANKERSMIT, Frank, *op. cit.*

⁴² *Idem, ibidem*, p.183.

⁴³ Cf. MARWICK, Arthur. Two approaches to historical study: the metaphysical (including ‘postmodernism’) and the historical. *Journal of Contemporary History*, v. 30, n. 1, 1995.

⁴⁴ Cf. ANKSERMIT, Frank, *op. cit.*, p. 185.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 187.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 188.

⁴⁷ Ver WHITE, Hayden. The politics of historical interpretation: discipline and de-sublimation. *Critical Inquiry*, v. 9, n. 1, 1982.



verdade. Essa crítica mais geral se sustenta sobre dois argumentos: 1) o modelo tropológico de White estabelece que os quatro tropos determinarão as visões que o historiador terá do passado, não importando seus objetos de investigação. A implicação parece ser que a verdade sobre a realidade não prefigurada pelo historiador permanece inacessível; 2) o debate não é mais a respeito do que ocorreu no passado, mas essencialmente sobre os prós e contras dos quatro tropos quando aplicados a casos particulares. É possível, de acordo com Ankersmit, admitir a validade de parte dessas críticas tomando-se em conta passagens do próprio *Metahistory*. Por outro lado, a reação mais tradicional a Hayden White tem partido de uma interpretação quase caricata desse livro e de seus escritos posteriores. Ainda assim, as preocupações com a realidade histórica e os caminhos pelos quais os historiadores procuram chegar até ela são relevantes, e Ankersmit procura respondê-las através de uma abordagem que privilegia uma visão mais sistêmica acerca dos trabalhos de White.⁴⁴

Ankersmit menciona duas leituras possíveis de *Metahistory*. A primeira como sendo o desmascaramento do esforço realizado pelos historiadores para assegurar que o conhecimento do passado se assenta em critérios de validação que se baseiam na possibilidade de alcançarmos a verdade. Por outro lado, o livro pode também ser lido como uma densa problematização da linguagem usada pelo historiador. Precisamente por causa desse foco, White demonstra não a impossibilidade do passado, mas a ingenuidade do tipo de intuição positivista que ainda prevalece nas formas usuais de representação histórica. As considerações de Ankersmit fazem coro a essa segunda forma de abordagem de *Metahistory*. Essa monumental obra se devotou a demonstrar como os grandes historiadores do século XIX revestiam suas narrativas sobre o passado de um caráter profundamente poético, resultado do modo como a representação da realidade histórica provinha da profundidade de suas almas.⁴⁵ A poética da escrita da história não produzia uma distância inalcançável entres historiadores e o passado, mas fundava a própria possibilidade para que eles pudessem informar seus leitores sobre a experiência do tempo. A grandeza desses historiadores se originava da liberdade com a qual eles se moviam na rede tropológica enquanto desafiavam aquelas afinidades seletivas usadas pelos historiadores medíocres em suas codificações do passado. Os tropos são propostos exclusivamente para demonstrar como a realidade histórica pode ser visível não por uma doce submissão, mas por uma sutil e poética evasão desses tropos. Isso explica a força da ironia no esquema tropológico de White. Esse tropo nos confronta com as limitações, as falhas e as pressões dos demais, permitindo que a realidade histórica reafirme seus direitos. É, portanto, o tropo da realidade histórica em si.⁴⁶

O centro de gravidade da evolução do pensamento de White posterior à *Metahistory* continuou sendo, para Ankersmit, o problema da relação dos historiadores com a realidade histórica. “The politics of historical interpretation: discipline and de-sublimation”, texto de 1982, é chave para a avaliação do desenvolvimento das reflexões de White pós-1973.⁴⁷ O subtítulo “disciplina e de-sublimação” sugere o que é de interesse nesse contexto. O esforço de disciplinarização da história, afirma White, redundou na domesticação dos fatos do passado, removendo aquela experiência sublime da qual falava Schiller. A transformação da história em conhecimento disciplinar certamente elevou nosso conhecimento e entendimento do passado, mas provocou, segundo White, algumas perdas pouco percebidas,

especialmente a da nossa abertura para a realidade histórica, algo ainda sustentado pelos historiadores do século XIX, que sentiam uma quase existencial relação com o passado. A imposição do discurso científico transformou a história numa mera construção intelectual, em vez de no relato da experiência dos historiadores acerca da realidade histórica em si mesma. O passado se tornou algo como um jardim do século XVII, em que a natureza se mostrava plenamente adaptada aos nossos critérios de ordem, simetria e racionalidade. A questão, para White, é que linguagem ou que tipo de uso da linguagem pode tornar o historiador capaz de contornar os efeitos da cientifização da história.⁴⁸

Uma primeira pista é a descoberta, por White, da “voz média”, oriunda da tradição grega clássica, uma linguagem que se situa a meio caminho entre a voz ativa e a passiva. O sujeito é também o objeto da ação, transcendendo o problema da dicotomia entre sujeito/objeto, já enunciado por Nietzsche como uma questão central da história-ciência do século XIX. Essa modalidade de escrita dilui as fronteiras entre o ser e o que está fora dele, pois o sujeito é também objeto da ação e, desse modo, a “voz média” pode transcender aquela dicotomia.

As potencialidades da escrita em “voz média” foram sugeridas, entre outros, por Roland Barthes. O exemplo oferecido pelo teórico francês é o do verbo “escrever”, e a sentença “Eu escrevo a mim mesmo” nos habilita a expressar o que podemos nos tornar na e pela escrita. É um “nos realizemos em nós mesmos” que supera o dualismo entre sujeito e objeto. A questão decisiva aqui passa a ser a de como podemos operacionalizar esse tipo de escrita quando lidamos com a história e o seu discurso.

Para White, a resposta pode ser situada em dois passos. Inicialmente, ele demonstra a afinidade existente entre a voz média e o tipo de escrita modernista conforme exercitada por autores como Joyce, Woolf e Proust. Se o olhar se voltar, por exemplo, ao *monologue intérieur*, típico do romance moderno, não é difícil perceber como esse tipo de escrita dilui as fronteiras entre o interior e o exterior e cria um mundo em que a dicotomia entre sujeito e objeto perdeu toda a relevância. Um notável exemplo pode ser encontrado em *Lotte in Weimar*, de Thomas Mann, em que Goethe, ao refletir sobre o seu próprio passado pessoal, mistura sua própria história de um amor de meio século antes com o destino da Alemanha pré e pós-guerras napoleônicas.⁴⁹

O segundo passo de White, aquele que aproxima mais propriamente a escrita em “voz média” do tipo de escrita pertinente ao discurso histórico, se dá pelo desenvolvimento do conceito de “evento modernista”. Trata-se do tipo de evento que, ao ser narrado, perde aquilo que seria perdido caso o *monologue intérieur* modernista fosse traduzido em uma ordeira, objetiva e cronológica narrativa. Somente essa exterioridade dos eventos que se apresenta ao historiador poderia ser preservada, enquanto a interioridade, tão cuidadosamente mantida na prosa modernista, poderia ser perder definitivamente. A narrativa histórica disciplinada efetua essa dicotomia entre sujeito e objeto. E, lamentavelmente sabemos, essa não é a forma narrativa pela qual os historiadores falam da realidade histórica, mas, ao contrário, a destroem, em seu esforço de domesticar o passado e de adaptá-lo às restrições linguísticas e aos tropos de seus tempos.⁵⁰

Aqui, portanto, percebe-se que a noção de “evento modernista” designa o tipo de evento em que os limites da representação historiadora são mais densamente tensionados pela escrita modernista. Todo o debate em

⁴⁸ Cf. ANKERSMIT, Frank, *op. cit.*, p.189.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p.190.

⁵⁰ *Idem.*

⁵¹ *Idem, ibidem*, p.191.

⁵² Ver os seguintes livros de SCHAMA, Simon. *Dead certainties: unwarranted speculations*. New York: Vintage Books Edition, 2002; *Landscape and memory*. London: Vintage Books Edition, 1995.

⁵³ Cf. ANKERSMIT, Frank, *op. cit.*, p. 192.

⁵⁴ Ver JENKINS, Keith. *Rethinking history*. London: Routledge, 2003.

⁵⁵ Cf. ANKERSMIT, Frank, *op. cit.*, p. 193.

torno das formas pelas quais um evento da magnitude do Holocausto pode ser corretamente representado pelos historiadores comprova a importância daquela noção. White não tem dúvida em afirmar que a grande inovação estilística da escrita modernista, a “voz média”, oferece instrumentos mais potentes para a representação dos “eventos modernistas” do que aqueles habitualmente manejados pelos historiadores.⁵¹

Alguns dos trabalhos do historiador Simon Schama⁵², nos quais a realidade histórica dos fatos é mesclada com longos monólogos interiores e em que não há uma superioridade epistemológica de alguma dessas duas dimensões, são apontados como indícios do que toda essa discussão sobre escrita modernista pode implicar para o discurso do historiador. O passado histórico, relata Schama, é a forma como as pessoas vivenciaram as molduras nas quais as suas vidas se desenrolaram e, desse modo, é parte do seu próprio passado pessoal. Sendo assim, a dicotomia entre sujeito e objeto perde inteiramente a sua razão de ser e a escrita da história pode ser tornar algo menos seccionado entre interioridade e exterioridade.⁵³

As preocupações de White sobre as formas narrativas de representação do passado e os exemplos mencionados extraídos da obra de Schama não têm a ousadia pedagógica de se apresentarem como modelos de escrita da história. Ambos tiveram a intenção de despertar os historiadores para a necessidade de devotarem maior atenção aos aspectos retóricos dos seus textos, de investigar de modo mais cuidadoso como os estilos por eles adotados já significam alguma forma de pré-figuração dos eventos. São, por assim dizer, experimentos. Mas eles não nos remetem à sugestão de que a disciplina histórica é uma forma de *monologue intérieur* do passado da civilização ocidental que escreve, portanto, a si própria por meio do discurso histórico? Não é a cultura histórica o modo visível de uma “voz média” pela qual essa civilização fala de si mesma? A disciplina histórica, em seu conjunto, não é o texto modernista no qual nós expressamos nossa relação com o passado?

O texto de Ankersmit é, possivelmente, uma das mais consistentes defesas do legado de White, sem deixar de considerar como válidas algumas das críticas dirigidas ao projeto intelectual do crítico norte-americano. As teses narrativistas e a adoção de esquemas tropológicos de organização do passado não significam a rejeição da história como disciplina, como pensa, por exemplo, Keith Jenkins.⁵⁴ O que White nos conta, diz Ankersmit, é como ela deveria ser relatada. As formas de escrita não deveriam ser vistas como barreiras que limitam os modos de acesso às experiências do passado, mas como impulsos para explorarmos todas as possibilidades de sentirmos a presença do tempo. É nesse ponto que os autores do século XIX discutidos por White adquirem uma renovada relevância para nós, pois esses historiadores puderam nos mostrar o que podemos fazer com nossa liberdade intelectual em meio à disciplinarização da história.⁵⁵

Retomando Gabrielle Spiegel, é justo vislumbrar no complexo mapa da recepção de White algumas das questões mais complexas e, por vezes, contraditórias de sua obra. O gênero ensaístico, marca profunda dos seus escritos, sempre foi assumido por White como funcionalmente destinado a provocar, a causar colisões, a abrir fendas no interior de uma corporação, a historiadora, fortemente condicionada pelas formas disciplinares do ofício. Ao tentar esboçar os contornos da recepção de White em dois momentos da *History and Theory*, procurei trazer à tona um importante debate que, de algum modo, sintetizou as diversas posições em jogo em torno do trabalho

do autor. Por outro lado, arrisco-me a dizer que boa parte de sua obra, ao menos no Brasil, ainda está à espera de análises mais sistemáticas e menos caricaturais, proporcionando-nos uma visão mais equilibrada do seu legado e da pertinência de suas hipóteses para a historiografia. A complexidade do seu projeto intelectual e a intensa vitalidade da sua produção seriam indícios suficientes para se evitar quaisquer caracterizações categóricas do tipo que ainda comumente se ouvem entre nós: “Hayden White é pós-moderno”, “Hayden White nega a história” ou outras, adjetivações tão mais curiosas quando consideramos a ainda escassa recepção de White entre os historiadores brasileiros.⁵⁶ Felizmente, algumas iniciativas recentes, como a da organização deste dossiê publicado nas páginas da *ArtCultura*, têm aberto horizontes mais promissores que, se espera, possam se converter em pesquisas de maior fôlego sobre o legado whiteano.

Artigo recebido e aprovado em dezembro de 2018.

⁵⁶ Sobre a recepção de Hayden White no Brasil, o levantamento realizado por Fábio Franzini é absolutamente indispensável. Ver FRANZINI, Fábio. Mr. White chega aos trópicos. Notas sobre *Metahistória* e a recepção de Hayden White no Brasil. In: BENTIVOGLIO, Julio e TOZZI, Veronica (orgs.), *op. cit.*